

## RITUAL DE MÁSCARAS: teatro, cidadania e identidades

ANA TERESA MARQUES GONÇALVES\*  
GISELLE MOREIRA DA MATA\*\*

### RESUMO

Os registros teatrais atenienses, expressos em textos cômicos e trágicos, são instrumentos importantes para analisarmos os acontecimentos e sensibilidades do homem heleno clássico. Eles nos fornecem, especialmente os cômicos aristofânicos, elementos muito úteis para o estudo da participação feminina na *Polis* de Atenas. A obra escolhida neste trabalho possibilita sopesarmos a atuação da esposa legítima do cidadão conhecida como *Melissa*. No teatro de Aristófanes, elas foram expostas de forma cômica, mas não ilegítima. Por meio do drama *Assembléia das mulheres*, o teatrólogo evidencia os mecanismos de poder entre os sexos e os níveis de interferência feminina na cidadania democrática do século V a.C., uma cidadania de homens.

**PALAVRAS-CHAVE:** teatro, cidadania, feminino

### ABSTRACT

Athenian theatrical records, as expressed through comic and tragic texts, are important tools for analyzing the events and sensibilities of the classic Hellenes. Such texts, especially the comic Aristophanic ones, are a very useful source to research women participation in the *Polis* of Athens. The work chosen for this study enable us to reflect on the role of the legitimate wives of citizens, also known as *Melissa*. In Aristophanic theater, they were exposed in a comic, but not illegitimate manner. Through the play *Assembly of Women*, the playwright reveals the mechanisms of power between men and women as well as the levels of female interference with the democratic citizenship in the 5<sup>th</sup> century BC, a citizenship of men.

**KEYWORDS:** theater, citizenship, female

Sabemos que o teatro na Antiguidade grega é entendido como um dos principais rituais dedicados ao deus Dioniso<sup>3</sup>. Presente em

---

\* Professora da Universidade Federal de Goiás. Doutora em História Econômica pela USP. E-mail: [anteresa@terra.com.br](mailto:anteresa@terra.com.br)

\*\* Professora. Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: [historia.betiattigiselle@gmail.com](mailto:historia.betiattigiselle@gmail.com)

<sup>3</sup> Dioniso era filho de Zeus e Semele, filha de Cadmo e Harmonia, fruto do amor adúltero do senhor do Olimpo. Devido ao ódio sentido por Hera, esposa de Zeus, este foi obrigado a levar

algumas festividades dedicadas à divindade aludida em *Poleis* gregas, o ciclo desses ritos, notadamente em Atenas, constitui uma das maiores fontes escritas legadas aos profissionais que dedicam seu trabalho à produção científica voltada ao mundo antigo.

Desse modo, neste artigo, decidimos salientar uma parcela dos resultados de nossas pesquisas relativas às sociedades antigas do Mediterrâneo. Para atender aos pressupostos descritos, selecionamos uma comédia do teatrólogo Aristófanes<sup>4</sup>, intitulada *Assembléia das mulheres*, apresentada pela primeira vez por volta de 411 a.C. em Atenas. Nosso intuito com este trabalho se direciona no sentido de percebermos o ateniense do século V a.C. por intermédio de uma historiografia que atualmente comporta novos horizontes, o que possibilitou utilizarmos fontes há muito tempo já estudadas, lançando a elas novos olhares, aplicabilidades e metodologias que proporcionam o constante aprimoramento dos procedimentos científicos e do conhecimento produzido. O distanciamento entre o discurso tradicional e a valorização da experiência social, por meio de Aristófanes, permitiu o estudo de uma cidadania feminina na cidade-estado de Atenas a partir da observação da participação de um tipo feminino específico, a esposa legítima ou *Melissa*<sup>5</sup> no interior da cidade.

---

Dioniso para longe da Grécia. Quando adulto, regressou novamente. Por isso, foi considerado um deus estrangeiro, peregrino. O deus da uva, do vinho e da inspiração, era festejado com procissões nas quais figuravam em torno da terra e da fecundidade. Tais cortejos deram origem ao teatro, particularmente à comédia e à tragédia (GRIMAL, 1951: 122).

<sup>4</sup> Aristófanes foi um importante autor de comédias antigas na Atenas no século V. a.C. Destacou-se como apologista do passado ateniense, contrário à reforma instaurada pela Sofística, a Guerra do Peloponeso e todos os demais fatores que considerava interferir na perda da hegemonia de sua cidade durante o período clássico. Nasceu por volta de 457 a.C., em Atenas. Janete Teresinha Weigel e Maraysa Luciana Vicentini, no artigo "Fios que tecem a crítica aristofânica", informam que o comediógrafo foi vencedor de vários concursos dramáticos. Escreveu cerca de quarenta e quatro comédias, das quais apenas onze foram preservadas. São elas: *Os acarnenses*, *Os cavaleiros*, *As vespas*, *A paz*, *Lisístrata*, *As nuvens*, *As mulheres que celebram as tesmophorias*, *As rãs*, *As aves*, *Mulheres na assembléia* e *Pluto* (WEIGEL; VICENTINI, 2003: 42).

<sup>5</sup> A esposa, conhecida como *Melissa*, reproduzia entre os atenienses o modelo ideal feminino, face às demais categorias femininas que habitavam a *Polis* (*Hetairas*, *Pornai* e escravas). Era o cônjuge do cidadão. *Melissa* ou "mulher-abelha" era um termo sinônimo para designar a esposa legítima. A construção da mulher-abelha no imaginário grego foi registrada nos escritos arcaicos de Semônides de Amorgos, no poema *Iambos*. Nele, o poeta faz uma comparação da mulher com alguns animais, entre eles a cachorra, a porca, a mula, a raposa, a macaca, a égua e a abelha. O autor fragmenta a imagem de Pandora, relacionando o espírito da mulher a estes seres. A abelha foi uma das espécies apresentadas por Semônides; comparada aos demais, foi o paradigma visto com maior positividade. O termo *Melissa* deriva de *méli*, o mel, uma analogia às abelhas (SEMÔNIDES. *Iambos*, 8A). Ela mostrava o oposto às demais categorias femininas atenienses, um exemplo de como todas as mulheres deveriam ser. Sua reclusão e

Assim, *Assembléia das mulheres* representou um eficiente veículo para a transmissão de valores defendidos pelo autor, tendo em vista os acontecimentos que lhe foram contemporâneos – entre os quais, o surgimento da sofística<sup>6</sup>, a perda da hegemonia ateniense conquistada durante as guerras greco-pérsicas<sup>7</sup> e a crise ocasionada pela Guerra do Peloponeso<sup>8</sup>. A peça aristofânica em relevo é, sobretudo, uma crítica aos *Eupátridas*<sup>9</sup>. São destacadas questões ligadas à identidade do

---

distinção eram claras. Sua principal função era ligar-se a um cidadão ateniense em matrimônio, oferecendo ao *Oikos* e à *Polis* herdeiros legítimos.

<sup>6</sup> Sofistas eram educadores que afluíram de todo o mundo grego, sobretudo para Atenas, para ensinar segundo os pressupostos da Sofística – um movimento responsável pela introdução de um novo pensamento, trazendo à tona uma série de debates cuja influência foi perceptível entre os atenienses. Apesar de introduzirem reflexões nos mais variados setores, foram mais conhecidos por um aprendizado que na civilização clássica levaria ao sucesso político. Preocupavam-se com as tentativas de explicar a natureza, abstando-se da tradição religiosa. Procuravam determinar um princípio para todas as coisas. Não procuravam uma verdade objetiva. Ao contrário, seguiam direções muito variadas e até mesmo opostas. Não obstante, como afirma H. Kitto, em *Os gregos*, possuíam algumas afinidades entre si se tornando um grupo, porém, com características próprias e notadamente distintas (KITTO, 1960: 177).

<sup>7</sup> O período clássico se caracterizou para o mundo grego como uma época de hegemonias e imperialismos. A primeira potência a se projetar nesse cenário foi a cidade de Atenas, seguida posteriormente por Esparta e Tebas. Questões internas e externas sobre as quais se desencadeava o processo de ascensão econômica ateniense, associado ao desenvolvimento do sistema democrático periclino, levaram os gregos a choques de interesses, primeiramente com os persas e posteriormente entre si. Segundo Kitto, em *Os gregos*, a origem das guerras greco-pérsicas estava associada ao mundo grego e ao mundo persa e seus interesses, principalmente, econômicos (KITTO, 1960: 108). Os atenienses se destacaram em batalhas que ocasionaram vitórias gregas sobre os persas. Inicialmente o que havia unido os gregos em torno de Atenas, no final das guerras greco-pérsicas, foi uma aliança militar destinada a garantir sua defesa comum contra a ameaça dos persas, a Liga Délica. Com o tempo, Atenas transformou seu poderio sobre os aliados, obrigando-os a se manterem subordinados. O crescimento do poder ateniense, associado ao desenvolvimento democrático, estava incorporando outras cidades gregas, o que despertou inimizades com outras cidades de tradição oligárquica.

<sup>8</sup> Guerra do Peloponeso: a vitória ateniense nas guerras greco-pérsicas acarretou rivalidades com outras cidades como Esparta, Corinto, Egina e Tebas. Esse confronto entre os próprios gregos culminou em uma nova guerra, a do Peloponeso, motivada pela disputa de interesses econômicos e políticos, em especial de duas grandes cidades: Atenas, centro político e democrático, e Esparta, cidade de tradição militarista e oligárquica. Havia de um lado a Confederação de Delos, aliança entre cidades gregas lideradas por Atenas, que enfrentou a Liga do Peloponeso, organização nascida da reunião de *Poléis* dirigidas por Esparta. Com o término da Guerra do Peloponeso, chegou ao fim a hegemonia de Atenas e teve início a de Esparta sobre o mundo grego. Posteriormente a cidade de Tebas, aliada a Atenas, colou fim à dominação dos peloponésios. Contudo, o poderio tebano não durou muito. As cidades gregas, enfraquecidas pelas guerras, foram subjugadas pelo poder do exército de Filipe II, rei da Macedônia, que acabou por conquistá-las (XENOPHON, *Helléniques*. 2.3.5).

<sup>9</sup> Plural de Eupátrida. Grupo de indivíduos que pertenciam à aristocracia ateniense, parte

cidadão ateniense clássico. Para isso, o comediógrafo escolheu as esposas legítimas dos mesmos como as portadoras de mensagens moralizantes para o masculino, assumindo a função de porta-vozes do autor e albergos dos cidadãos.

Portanto, a comédia representa uma ferramenta de grande utilidade para análise do regime democrático periclino<sup>10</sup>, bem como, as relações de gênero na cultura ateniense no período em evidência, ou seja, a forma como estes indivíduos elaboravam o masculino e feminino, determinando assim seus papéis sociais. Assim, a observação de uma cidadania feminina ateniense, segundo Aristófanes, nos permite caminhar seguindo duas vertentes. A primeira sugere, mesmo que indiretamente de forma não institucionalizada, a integração das esposas à cidadania democrática em virtude de sua participação na transmissão da mesma, isto é, com base na Lei Periclina de 451-450 a.C., como demonstra Claude Mossé, em *Politique et société en Grèce Ancienne. Le "modèle" athénien*. A cidadania era restrita apenas a filhos de pais e mães atenienses pertencentes à categoria dos *Eupátridai* (MOSSÉ, 1995: 32). A segunda é a cidadania de mulheres, proposta de forma cômica, porém não ilegítima.

Daniel Barbo, em *O triunfo do falo: homoerotismo, dominação, ética e política na Atenas clássica*, aponta que diante das diretrizes de uma cultura falocêntrica, as comédias aristofânicas nos mostraram a hegemonia política dos homens em Atenas, que associavam a simbologia do falo ereto ao poder político (BARBO, 2008: 85). Dessa forma, a exclusão das mulheres da gestão política estruturava-se, particularmente, em torno de dois elementos importantes, a mitologia e o discurso biológico. A Hélade na Antiguidade tem sua história intimamente ligada aos mitos. Escritos como os de Hesíodo e Semônides de Amorgos<sup>11</sup> descrevem o primeiro exemplar das mulheres,

---

minoritária da população formada por proprietários de terras, de escravos e de direitos políticos. Categoria do cidadão, o *Politês*, aquele que fazia parte da cidade, *koinonia tôn politôn*, cujo título lhe permitia fazer parte das Assembléias do *demós*, no que poderíamos designar de participação política, isto é, a tomada das decisões ligadas a sua comunidade (MOSSÉ, 1993: 33).

<sup>10</sup> Relativo ao estadista Péricles, líder democrático ateniense cujo governo alcançou uma das maiores projeções políticas, econômicas, militares e artísticas de toda a História de Atenas (MOSSÉ, 1985: 38-39). O sistema democrático ateniense foi resultado de um longo processo que emergiu no governo periclino e que, agregado ao imperialismo ateniense no final das guerras greco-pérsicas, possibilitou ao regime algumas das condições necessárias para o seu desenvolvimento. Os aspectos funcionais do regime democrático de Atenas despertou a atenção dos inimigos de tradição oligárquica, um dos fatores que culminaram na Guerra do Peloponeso.

<sup>11</sup> Autores que durante a Antiguidade nos proporcionaram registros concernentes ao olhar

Pandora<sup>12</sup>, ser ambíguo e castigo para os homens. Sua relevância se direciona para o esclarecimento do surgimento das mulheres e dos atributos femininos, apresentando um ser que transita entre o bem e o mal, explicitando ao masculino a origem de seus sofrimentos. No que concerne ao fisiológico, cabia ao homem o poder de penetrar as mulheres, o ativo, tanto no sentido sexual, quanto na analogia feita ao político. A mulher, por sua vez, era a penetrada, a passiva, na mesma medida, no plano sexual e político. A penetração fálica evidenciava um novo elemento que nos remeteu à visualização de uma inacessibilidade do feminino à vida política (BARBO, 2008: 81).

Nesse contexto, constituiu-se uma justificativa que regulamentava o poder sobre o feminino, transitando entre os campos sócio-político, filosófico, mitológico e sexual. Verificamos, através da fonte destacada neste artigo, a existência de uma intrínseca associação das esposas legítimas com Pandora. Elas foram retratadas, a exemplo do que foi observado na mitologia grega, como seres mentirosos, sedutores e de

---

direcionado ao feminino entre os helenos, através da observação das obras intituladas *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, e *Iambos*, de Semônides.

<sup>12</sup> Pandora, o primeiro exemplar feminino, descrito no mito de Prometeu por intermédio das obras de Hesíodo, nos poemas *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*. O mito aborda não apenas a história que separa os deuses dos mortais, mas a origem das mulheres. Para Hesíodo, homens, deuses e titãs formavam uma sociedade homogênea. Prometeu era um dos quatro filhos de Jápeto e Clímene e pertencia à raça dos Titãs. Como era um adivinho, previu a derrota de seu povo e tornou-se amigo de Zeus. Bem antes da vitória sobre os Titãs, foi um benfeitor da humanidade. Devido a essa troca de lugares, os deuses sempre desconfiaram da proteção dada por ele aos homens. Em um dado momento, Prometeu desejou enganar Zeus em favor dos mortais, dividindo um grande boi em duas porções: a primeira continha carnes e entranhas, cobertas pelo couro do animal. A segunda, apenas os ossos, disfarçados com a gordura branca dos mesmos. Ao escolher uma delas, Zeus optou pela segunda e, sentindo-se enganado, encheu-se de cólera. Por isso, resolveu impor um castigo. Privou o homem do fogo, que simbolizava a inteligência, tornando o homem um ignorante (HESÍODO, *Teogonia*, v. 535-600).

Novamente o benfeitor dos homens agiu. Roubou uma centelha do fogo celeste e a trouxe à Terra, reanimando os mortais. O maior dos deuses olímpicos resolveu punir com mais rigor a humanidade e seu protetor. Contra os homens, imaginou perdê-los para sempre na irresistível Pandora. Quanto a Prometeu, foi acorrentado em um despenhadeiro e tinha o fígado consumido durante o dia por uma águia e, à noite, o órgão se regenerava. O senhor do Olimpo jurou que jamais o libertaria daquela prisão. Habilitados parcialmente pela centelha de fogo celeste, os homens experimentaram o uso diferencial da inteligência e a fome de saber (HESÍODO, *Teogonia*, v. 535-600). Como castigo aos homens, Zeus cria um mal oculto sob a aparência sedutora de Pandora, modelada em argila, animada por Hefesto e tornada irresistível pelos demais deuses. Pandora era um ser híbrido, elaborada como punição aos mortais, que foram obrigados a sustentar a fome e o desejo de mal revisto em forma de bem (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 60-79). Foram condenados, a partir de então, a casar-se para gerar filhos e aceitar o destino de depender delas para a procriação.

condutas dissimuladas; utilizadas nos textos aristofânicos para reconhecer as *Melissaí*.

Para Aristófanes, elas tornaram-se sujeitos de conhecimento, diferentemente da concepção grega de diferenciação dos sexos, que enquadrou o feminino sempre numa posição de receptividade ao masculino, principalmente quanto à questão relativa à sua capacidade de aquisição conquistadora e de sua competência. No drama analisado, o feminino aristofânico vive situações que não conseguiríamos imaginar segundo os padrões falocêntricos gregos, pois nelas encontramos mulheres dotadas de inteligência e detentoras de controle sobre sua própria sexualidade, sem imposições masculinas ou censuras.

Em *Assembléia das mulheres*, a protagonista chamada Praxágora lidera várias mulheres que, unidas e disfarçadas como homens, resolvem tomar o poder das mãos do sexo oposto. Vestidas de forma masculina se dirigem à Assembléia infiltradas em meio ao público e à frente da tribuna. Durante o discurso, passando-se por homens, propõem que o governo e todas as decisões políticas fossem entregues às mulheres. Sem perceberem que foram enganados, os verdadeiros homens acabam entregando o poder nas mãos do grupo feminino. As mulheres instauram mudanças quanto à forma de governar, propondo extinguir todas as desigualdades entre os cidadãos.

A protagonista em especial possuía talento discursivo e retórico. Ela e suas companheiras, as demais esposas, eram tidas como dissimuladas e mentirosas, pois utilizaram sua vitória sobre os homens em benefício próprio e não para o bem-estar da coletividade, como informado no início da peça. Trata-se de uma obra em que Aristófanes satiriza um estado imaginário administrado por mulheres, onde as mais velhas acabam tendo prioridade para reclamar o amor dos homens mais jovens. Além de uma crítica às instituições e aos cidadãos de Atenas, Aristófanes constrói uma sátira às teorias de certos filósofos, principalmente os sofistas, que na peça são comparados às mulheres.

Inspiradas no princípio de uma relação entre a direção da coisa pública e do lar, as *Melissaí* governaram a cidade de Atenas com a mesma eficiência com que cuidavam de suas casas. Atenas seria como uma única habitação, na qual cada um poderia obter, por meio de fundo comum, o necessário à sua subsistência, graças a reformas de base como a comunidade de bens e de mulheres. No final da trama, Praxágora expõe claramente que seus anseios pessoais estavam acima de ideais direcionados à igualdade coletiva; por meio de sofismas, a personagem atinge suas finalidades.

Essa comédia é por excelência uma paródia das assembléias. Em primeiro lugar, é uma alusão ao regime de tirania<sup>13</sup> que antecedeu a democracia ateniense, devido às crises enfrentadas pelo sistema democrático, no qual o governo feminino fictício é comparado ao ressurgimento da tirania enquanto sistema substituto ao vigente. Em segundo, Aristófanes destacava a sofística não apenas pela sua responsabilidade na crise do regime, mas enxergava o movimento como uma tirania intelectual que minava as bases da Paidéia grega, educação dada aos cidadãos, levando o sistema ao caos. Muito do humor em *Assembléia de mulheres* reside na oratória de Praxágora, que nada fica a dever à dos políticos mais habilidosos, uma crítica decorrente da influência destes nas novas formas de pensamento que circulavam na sociedade:

### **PRAXÁGORA**

Em primeiro lugar, que nenhum de vocês me conteste ou interrompa antes de conhecer meu plano e escutar o orador.

Tornar comum e tudo compartilhar, afirmo, é o que todos devem fazer, e viver do fundo comum, e não um ser rico e o outro um miserável, um lavar um campo extenso e outro não ter nem onde ter seu túmulo; um empregar muitos escravos e outro nem um ajudante.

Em lugar disso, estou criando um único meio de vida, comum e igual para todos (ARISTÓFANES. *Assembléia de mulheres*: 588-594).

Para o dramaturgo, assim como o feminino, a sofística representava um mal revisto sobre um bem. A educação oferecida por esses educadores em um primeiro momento afirmava-se com positividade, dando novos ares às discussões filosóficas e propondo uma educação que operava na via política, garantindo sucesso aos jovens políticos. Porém, tais ensinamentos levavam o cidadão a desviar-se da Paidéia, aproximando sua conduta ao espírito feminino. Da mesma forma que os políticos instruídos pela educação sofista, os quais discursavam e obtinham sucesso usando linguagens sem discussões lógicas, não seria muito difícil que uma mulher, com a característica de falar sobre assuntos sem importância para o mundo dos homens, conseguisse convencer os cidadãos. O que representava uma censura a um método sem proposições mais profundas que se internalizava no ambiente político.

As mulheres aristofânicas, a todo instante, demonstram sua

---

<sup>13</sup> Relativo aos tiranos, Claude Mossé acrescenta que, no imaginário dos gregos, o tirano é o anticidadão, aquele que confisca o poder da comunidade cívica e se situa fora da comunidade da cidade, reduzindo-a à servidão. A tirania surgiu em meio às lutas sociais e rivalidades da aristocracia dominante das cidades. No caso de Atenas, a tirania de Pisístrato foi consequência do descontentamento da parcialidade das reformas de Sólon oriundas da crise agrária, em que se recusou a formular uma nova divisão do solo (MOSSÉ, 1993: 21-22).

capacidade de aconselhar os cidadãos, primeiro por acreditaram em seu papel valorativo para a cidade-estado ateniense, segundo por serem porta-vozes de Aristófanes no que se relaciona à administração dos cidadãos. A censura aos espectadores transfere momentaneamente a discussão do campo político para o literário, ou melhor, promove a assimilação entre o cidadão, o espectador, que compartilha as mesmas qualidades e defeitos de Praxágora. O público é rapidamente absorvido na trama, onde passa a desempenhar o mesmo papel. Ao ser aclamada como a nova governante da cidade, Praxágora deve discursar para os atenienses para expor-lhes seus planos. Imediatamente o teatro se transforma na *Pnyx*, e os espectadores são convidados a participar da ficção representando a si mesmos, cidadãos atenienses. Tratava-se de uma denuncia relativa ao poder político ateniense, cujas medidas não eram convertidas em prol da coletividade, as leis eram manipuladas e legitimadas a serviço de poderes individuais. Na sequência, Aristófanes relata a corrupção entre os cidadãos:

#### PRAXÁGORA

Por várias razões: não será permitido aos oportunistas aproveitarem-se dos cargos públicos para tratar dos próprios interesses; não será permitido fazer promessas para não cumprir...

(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 199).

Assim, notamos mulheres inteligentes e vitoriosas em seus objetivos, estrategistas no controle da *Polis*, partindo da dinâmica grupal como elemento tático. Praxágora se tornou a representante dos conceitos sofistas, tirania e ameaça em escala potencial para a democracia e para os homens. O personagem Cremes demonstra em sua fala o momento em que a personagem discursava disfarçada como homem:

#### CREMES (amigo do marido de Praxágora)

Mas as mulheres, continuava o orador branco, são um prodígio de bom senso, sabem guardar segredos, são leais e honestas. Elas não denunciam a ninguém, não processam ninguém, não falam mal da vida alheia, não entram em golpes contra a democracia, enfim, atribuíam mil qualidades às mulheres e não esgotava a fonte de elogios às virtudes delas.

(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 138).

Outro elemento fundamental se direciona para o travestimento. Ele aparece no drama como um recurso cômico efeminando os homens e masculinizando as mulheres. Tais idéias privilegiaram o autor no que concerne à relação entre conceito e imagem. São mencionadas em *Assembléia das mulheres*, quando elas vestem os trajes de seus maridos

para se passar por homens na assembléia e estes usam os vestidos de suas esposas por não encontrarem suas próprias roupas. No corpo, as mulheres procuravam imitar os homens, disfarçando a cor da pele, descrita como mais clara em virtude de sua reclusão ao ambiente doméstico, usando apetrechos como barbas postiças, ou até mesmo não removendo os pêlos na região das axilas, na tentativa de reproduzir a imagem masculina também em seus aspectos anatômicos:

### **3ª MULHER:**

De minha parte sim. Estou com as axilas mais peludas que um espanador, conforme combinamos. Além disso, toda vez que meu marido saía para vir discutir política eu tomava um pouco de sol, para parecer mais máscula.

### **2ª MULHER:**

Eu também! A primeira coisa que fiz foi deixar de me depilar com o aparelho do meu marido, para ficar toda peluda, como um homem.

### **PRAXÁGORA**

E todas com as barbas que combinamos trazer?  
(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 15-17).

### **PRAXÁGORA**

Vocês estão vendo? Fazer tricô... Não esqueçam nossa combinação: Não devemos: não devemos deixar os homens verem nada de feminino em nós, principalmente qualquer parte de nosso corpo.  
(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 29).

### **CREMES**

Vejam só! Com o vestido da mulher!

### **BLÊPIRO (marido de Praxágora)**

Apanhei-o por engano, no escuro, quando ia me levantar... E você, de onde vem?  
ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 119-120.

### **BLÊPIRO**

Apesar desta roupa, sou homem e ninguém pode dizer nada em contrário!  
(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 137).

Levando em consideração o travestimento do cidadão, Daniel Barbo argumenta que o homem não devia nunca se comportar como uma mulher, subtraindo-se à sua masculinidade. Igualar-se à mulher no comportamento correspondia a abrir mão das prerrogativas atribuídas aos homens nessa cultura (BARBO, 2008: 96).

Observa-se que a diferença de papéis entre homens e mulheres não condicionava as esposas aristofânicas de *Assembléia das Mulheres* a se sentirem inferiores aos seus cônjuges. Além da valoração que atribuíam ao próprio papel que desempenhavam na cidade, como aproximação ao modelo masculino, elas se sentiam ainda mais eficientes do que o sexo oposto, o que demonstrava a importância de sua intervenção:

### **PRAXÁGORA**

Sou igual a todo mundo, não posso deixar de afligir-me ao ver o estado de decomposição em que se encontra a administração do país. Vejo-o sempre entregue a maus dirigentes. Se um é bom um dia, torna-se mau durante dez. Recorre-se a outro, é ainda pior. Sei que não é fácil dirigir homens difíceis de contentar. O povo tem medo de quem lhe deseja o bem e adula quem lhe faz mal. Houve um tempo em que não tínhamos assembleias mas sabíamos que um mau elemento era mau elemento mesmo. Agora, que as temos, ouvimos aqueles que conseguem vantagens através de seus candidatos fazer-lhes os elogios mais rasgados; quem nada conseguiu diz que os políticos querem apenas ganhar milhões do povo sem fazer coisa alguma! (ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 60).

Em suma, podemos sintetizar o pensamento de Aristófanes exposto na obra. 1) Critica o desmoronamento dos valores antigos; 2) Ressalta uma busca pelo poder e por riquezas que até as mulheres sabiam enxergar e possuíam habilidades superiores aos homens para obter; 3) Destaca a possibilidade de falência da democracia, abrindo espaço para o retorno da tirania; 4) As esposas eram descritas como capazes de enganar os maridos, contrariando a concepção grega de que eram desprovidas de intelecto; 5) Satiriza o cidadão na medida em que as esposas se demonstram mais aptas a defender a si mesmas, a seus filhos e a eles próprios.

A peça deixa transparecer outro elemento de notoriedade: a capacidade do feminino aristofânico de influenciar os maridos quanto às decisões tomadas nas Assembleias, o que nos remete a admitir a presença feminina, mesmo que indireta, em assuntos ligados à política. O fato de conversarem com seus cônjuges lhes fornecia aprendizados relativos à política e a forma de se portar semelhante ao homem, o que lhes garantia o entendimento para julgar as decisões. Na obra, esse elemento funcionava como uma denúncia à capacidade que o feminino possuía de desencaminhar o homem em suas decisões, o que poderia levar a cidade a destinos infelizes:

### **PRAXÁGORA**

Ao invés de conversar com meu marido sobre a carestia da vida e os defeitos das empregadas, eu pedia a ele para me contar o que se passava na assembleia (...).

## **PRAXÁGORA**

Eu diria que ele estava dizendo bobagens.

### **1ª MULHER**

Mas isso é o que eles dizem sempre!

(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 84-86).

As relações extraconjugais, legalizadas no governo feminino, assumem posições que superam o intuito de apenas satirizar a conduta da esposa. Questionavam-se as decisões tomadas pelos políticos, entre elas, a lei pericliana segundo a qual os cidadãos deveriam ser filhos de pais e mães atenienses, os *Eupátridai*. Além dos laços de dependência com a esposa, o teatrólogo chama a atenção para a postura dos políticos. Péricles, por exemplo, ao criar a lei que limitava a cidadania para além dos vínculos paternos, torna-se mostra do descumprimento de uma lei que ele mesmo criara, adequando a lei que tornava legítimo um filho que não era fruto da união com uma esposa legítima, resultado da relação com Aspásia de Mileto (VRISSIMTZIS, 2002: 43). Como declara Claude Mossé, em *Péricles: o inventor da democracia*: “Mas esta lei não foi escrupulosamente respeitada nos dois séculos do apogeu de Atenas. O próprio Péricles não hesitou em reconhecer como filho legítimo o filho que teve da famosa Aspásia, sua amante, estrangeira, natural de Mileto” (MOSSÉ, 2008: 41). Assim, o comediógrafo satirizava a legitimidade do cidadão por meio da lei pericliana.

## **PRAXÁGORA**

Para quê? Ele terá o direito de ir com ela de graça! As mulheres serão comuns a todos os homens; cada um poderá ir com qualquer uma e ter filhos com quem quiser.

(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 148-150).

### **BLÊPIRO**

É... mas com esse gênero de vida como é que cada um vai reconhecer os próprios filhos?

## **PRAXÁGORA**

Isso não será importância. As crianças julgarão seus pais todos os homens que tiverem idade para isso.

(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 241-242).

Ressalta também a questão da velhice: a virilidade e a procriação eram depreciadas em indivíduos de idade mais elevada. Homens e mulheres velhos correspondiam na obra como um símbolo de degradação, no sentido de que não poderiam mais procriar, extinguindo

a idéia de continuidade para a cidade. Há ainda uma preocupação masculina com a satisfação sexual das esposas, como mostra de virilidade. Uma demonstração da dependência masculina da mulher. Isso se torna claro na passagem em que os homens passariam a ser sustentados pelas mulheres, demonstrando a inversão de papéis:

### **BLÊPIRO**

Uma coisa que devemos recear, nós, homens de certa idade, é que tendo tomado conta do governo, elas queiram nos forçar...

### **CREMES**

A fazer o quê?

### **BLÊPIRO**

A ser mais... assíduos... Se nós pudermos, elas talvez não queiram nos sustentar...

(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 148-150).

O final da trama ressalta que as leis desse novo regime feminino, como as democráticas, funcionavam a serviço de poderes individuais:

### **PRAXÁGORA**

Então, esse cidadão não vai nem com a moça nem com as senhoras. A moça tem vinte anos, as senhoras tem em média sessenta, vinte mais sessenta igual a oitenta. Oitenta por dois igual quarenta (a mamãe aqui tem mais ou menos quarenta).

### **PRAXÁGORA**

Venha comigo! Resolvi o seu caso, agora você vai resolver o meu! Afinal de contas, eu não ia fazer essa revolução para aprontar a cama para as outras deitarem.

(ARISTÓFANES, *Assembléia das mulheres*: 414-416).

Enfim, o desfecho da peça demonstra que Aristófanes não destaca a possibilidade, no mundo real, de ver problemas descritos na obra solucionados. As ações desenvolvidas pelas *Melissai* em *Assembléia das mulheres*, apesar de irreais, segundo a dinâmica da cultura falocrata ateniense era legítima.

O que podemos concluir de fato é que elas não estavam interessadas na política. Como modelo de mulher ideal, reconheciam seu *status* face à imagem que carregavam. Seu arquétipo era visto com maior positividade tendo em vista os diferentes tipos femininos que circulavam na *Polis*. Portanto, afirmavam seu papel social de forma valorativa, diferente ao dos homens, todavia não menos importante para

a cidade. Nos textos aristofânicos, elas são cópias de seus cônjuges. Isso nos leva a entender que, em primeiro lugar, o modelo ideal, de acordo as informações de Aristófanes, é representado pelo masculino. Segundo, o sucesso das ações das esposas só ocorre na medida em que elas imitam o papel desempenhado pelos homens.

Diante disso, torna-se adequado, como ressalta Marta Mega Andrade, em *A cidade das mulheres – cidadania e alteridade feminina clássica*, apontarmos as formas pelas quais ocorreram as apropriações políticas no espaço teatral em Aristófanes; os mecanismos de produção do feminino enquanto o mesmo e o outro (ANDRADE, 2001: 47). A participação efetiva da mulher diretamente na política, mesmo na ficção e numa época de crise de valores, era algo difícil de se imaginar. Para Fábio de Souza Lessa, no livro *O feminino em Atenas*, não significa não terem sido desenvolvidos espaços de fala feminina como esferas próprias de sua atuação social no interior da cidade. A mulher agia como elemento de integração social, disseminando informações que revitalizavam o processo de identidade junto ao grupo. As esposas encontravam a possibilidade de dialogarem entre si, transmitindo informações e, simultaneamente, mantendo-se informadas acerca dos acontecimentos e dos saberes que circulavam na sociedade, mesmo diante de uma circulação mais restrita (LESSA, 2004: 91-96).

Uma hipótese corrente acerca da participação da esposa na vida política reflete sua capacidade de influenciar nas decisões. Enquanto grupo, mobilizavam-se estrategicamente, defendendo, consolidando e afirmando sua identidade, recursos utilizados como forma de influenciar e intervir na política da cidade, todavia, não menos legítima e importante. Acreditamos que as opiniões das esposas podiam influenciar os maridos nas decisões que estes tomavam na assembléia.

Por meio das personagens femininas aristofânicas, é possível pensarmos os mecanismos sobre os quais possam ter desenvolvido espaços específicos de validação social femininos, atuando na integração e funcionamento da cidade-estado. Para isso é necessário inserirmos o feminino em seu contexto social, unindo homens e mulheres sobre um mesmo campo, o que torna as mulheres sujeitos históricos e não apenas um reflexo de submissão ao masculino, a partir do modelo de idealização feminina dos padrões atenienses, buscando ressaltar outras vertentes que possam apontar novos caminhos concernentes ao olhar masculino e às condutas femininas.

Em suma, a atuação da esposa do cidadão em Atenas foi legitimada ao longo dos anos por um discurso masculino que encerrava a vida das esposas atenienses ao *Gineceu*. Os estudos de gênero na Antiguidade grega, por meio dos textos de Aristófanes, contribuem para

que possamos alargar os horizontes quanto à vivência dos sujeitos históricos no período em estudo, trazendo novas reflexões para a historiografia. Uma análise da cultura política falocrata nos leva a perceber que as mulheres atenienses, naturalmente as esposas dos *Eupátridai*, não devem, destarte, ser entendidas como passivas no que se relaciona a sua *Polis*. A cultura ateniense na Antiguidade é muito mais complexa do que se possa imaginar. Atualmente a historiografia comporta o feminino em Atenas de uma forma mais ampla e ativa do que o mero modelo de confinamento transpareceu.

A Cidadania de Mulheres proposta em Aristófanes mostra sua perspectiva cômica para a sociedade da época, mas deixa claro que o direito de as esposas assumirem o poder político é legítimo face aos poderes que davam à *Melissa* a capacidade de interferir em um sistema dominado pelos homens, mas não preferível para eles. A lei de Péricles conferia a elas um de seus melhores mecanismos de atuação. A cultura ateniense oferecia a elas um *status* privilegiado. Porém, esse estatuto feminino não deixou de fornecer conflitos entre homens e mulheres. O risco de inverter um estado de coisas era temido e nunca descartado pelos homens de Atenas.

## REFERÊNCIAS

### A) Documentação textual

ARISTHÓPHANE. *L'Assemblée des Femmes*. Trad. H. Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1930. t. 5.

ARISTÓFANES. *Revolução das mulheres*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Os trabalhos e os dias*. Trad. Mary de Carvalho Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.

SEMÔNIDES DE AMORGOS. *Iambos*. Trad. Jacinto Lins Brandão. *Ensaio de Literatura e Filologia*, Belo Horizonte: UFMG, p. 211-227, 1983.

XENOPHON. *Helléniques*. Trad. M. Ozanam. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

### B) Obras de referência

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1951.

### C) Obras gerais

ANDRADE, Marta Mega. *A cidade das mulheres: cidadania e alteridade feminina clássica*. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga, 2001.

BARBO, Daniel. *O triunfo do falos: homoerotismo, dominação, ética e política na Atenas clássica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

KAGAN, Donald. *A Guerra do Peloponeso: novas perspectivas sobre o mais trágico confronto da Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KITTO, H. D. *Os gregos*. Coimbra: Armênio Amado, 1960.

LESSA, Fábio de Souza. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MOSSÉ, Claude. *Instituições gregas*. Lisboa: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. *Péricles: o inventor da democracia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

\_\_\_\_\_. *O cidadão na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. *Politique et société en Grèce Ancienne: le "modèle" athénien*. Paris: Aubier, 1995.

VICENTINI, Maraysa Luciana; WEIGEL, Janete Teresinha. Fios que tecem a crítica aristofânica. *Risco*, v. 3, p. 42-46, 2003.

VRISSIMTZIS, Nikos. *Amor, sexo & casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2002.

